

ASSEMBLEIA NACIONAL**Voto de Pesar n.º 78/X/2026
de 12 de março**

Sumário: Voto de Pesar pelo falecimento de Amélia Sanches Araújo.

É com profundo pesar que evocamos a memória de Amélia Sanches Araújo, uma das vozes mais firmes, lúcidas e corajosas da luta de libertação e da construção da consciência nacional de Cabo Verde e da Guiné-Bissau.

Falecida na cidade da Praia, a 19 de fevereiro de 2026, Amélia Sanches Araújo foi combatente da libertação e radicalista cabo-verdiana e guineense, amplamente reconhecida como “a voz da luta” durante a guerra pela independência da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

Nascida em 1933, em Luanda, teve um percurso profundamente marcado pela dimensão pan-africana da luta anticolonial. Militante do PAIGC, iniciou o seu envolvimento político em 1961, quando, juntamente com o marido José Araújo, partiu de Portugal para Conacri.

Nas zonas libertadas da Guiné-Bissau, desempenhou inicialmente funções como professora na Escola Piloto do PAIGC, um dos espaços mais emblemáticos da formação política, cívica e intelectual do projeto nacional em construção. Aí contribuiu para a educação de jovens num contexto de guerra, onde ensinar era também um ato de resistência e afirmação de futuro.

Posteriormente, integrou a Rádio Libertação, órgão oficial do movimento, fundada em 1967 como instrumento central da luta de libertação. A Rádio Libertação constituiu um meio estratégico da luta anticolonial, transmitindo em português, crioulo e várias línguas guineenses. Amélia Araújo assumiu funções de direção e tornou-se a principal voz das emissões em português, produzindo programas como o “Comunicado de Guerra” e o “Programa do Soldado Português”, que tiveram impacto político e psicológico significativo junto das populações e das tropas coloniais. A importância desse trabalho levou Amílcar Cabral a designar a rádio como o “canhão de boca” da luta, expressão que sintetiza o papel determinante da palavra naquele processo histórico.

A sua intervenção foi muito mais do que comunicação. Foi ação política consciente, estruturada e estrategicamente orientada para mobilizar consciências, esclarecer posições e fortalecer a moral dos combatentes e dos povos em luta. Num contexto de guerra assimétrica, em que o colonialismo dispunha de superioridade militar e material, a palavra assumiu um papel decisivo na disputa pela legitimidade, pelo sentido da luta e pela adesão popular. Amélia Araújo exerceu essa centralidade com rigor, clareza e responsabilidade histórica, fazendo da comunicação uma verdadeira frente de combate e um instrumento de construção política.

A sua contribuição estendeu-se ainda à transcrição de várias intervenções de Amílcar Cabral, hoje amplamente divulgadas em livros e publicações, constituindo um património político e histórico de valor inestimável.

Num ambiente profundamente masculinizado, em que os espaços de decisão e visibilidade eram maioritariamente ocupados por homens, afirmou-se não por concessão simbólica, mas por mérito próprio, competência política e coragem pessoal. O lugar que ocupou foi estrutural para a eficácia da estratégia de libertação e para a afirmação de uma cultura política assente na consciência, na palavra e na organização.

Após a independência, continuou a servir Cabo Verde em funções públicas, tendo trabalhado no Ministério dos Negócios Estrangeiros e, posteriormente, na Cooperação Austríaca, mantendo o seu compromisso com o serviço público e desenvolvimento nacional, valores que nortearam toda a sua vida.

Como recordou o também combatente da liberdade Luís Fonseca, para os militantes na clandestinidade, “Amélia Araújo era a portadora da mensagem que animava, relatando os avanços da luta na Guiné e encorajando-os a prosseguir o combate com redobrada determinação. Essa mesma mensagem, escutada às escondidas em lares cabo-verdianos, nas ilhas e na emigração, ajudou a semear a esperança de um Cabo Verde novo, mais justo e livre da dominação estrangeira”.

A morte de Amélia Sanches Araújo representa uma grande perda para uma geração que fez a independência com risco real, convicção profunda e sentido de dever coletivo. O seu legado reafirma o valor da palavra como instrumento de libertação, da comunicação como poder e da memória como pilar essencial da construção nacional.

À família, em particular às suas filhas Terezinha Araújo e Helga Araújo, netos e bisnetos, aos Combatentes da Liberdade da Pátria e a todos quantos com ela partilharam este percurso, a Assembleia Nacional apresenta as mais sentidas condolências, com o compromisso de honrar e preservar o contributo de Amélia Sanches Araújo na história de Cabo Verde e da Guiné-Bissau.

Paz à sua alma.

Assembleia Nacional, aos 27 de fevereiro de 2026.

Publique-se.

O Presidente da Assembleia Nacional, *Austelino Tavares Correia*.